

# Modelos circunplexos da personalidade. O MCMI-II como instrumento para avaliação clínica.

Urquijo, Sebastián.

Cita:

Urquijo, Sebastián (2001). *Modelos circunplexos da personalidade. O MCMI-II como instrumento para avaliação clínica. En Contextos e questões da avaliação psicológica. Sao Paulo, SP (Brasil): Casa do Psicólogo.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/sebastian.urquijo/110>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pfN5/7Oz>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.  
Para ver una copia de esta licencia, visite  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

© 2001 Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda.  
É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade, sem autorização por escrito dos editores.

1ª Edição  
2001

Produção Gráfica & Capa  
Válgemir Freitas dos Santos

Revisão Gráfica  
Pâmela F. Antonino Dalgêr

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Conceitos e questões da avaliação psicológica / Fernando  
Fernandes Sato, Elizabeth Teresa Bonanni Sbardelli,  
Ricardo Primi organizadores. — São Paulo: Casa do  
Psicólogo, 2000.

Vários autores.  
Bibliografia.

ISBN 95-7396-122-3

1. Psicologia. 2. Testes psicológicos. I. Sato, Fernando  
Fernandes. II. Sbardelli, Elizabeth. Teresi Bonanni. III.  
Primi, Ricardo.

01-1175

CDD-150.287

**Índices para catálogo sistemático:**

I. Avaliação psicológica 150.287

**Impresso no Brasil**  
Printed in Brazil

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à  
Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda.  
Rua Afonso Camargo, 436 - Paulistas - 05410-000 - São Paulo - SP  
Tel: (11) 8642-4633 Fax: (11) 8642-3366 e-mail: [compr@cpd.com.br](mailto:compr@cpd.com.br)



## Apresentação

No Brasil, a pesquisa em avaliação na Psicologia tem sofrido, no longo dos anos, um relativo esquecimento. Isso não significa que no cotidiano, tanto dos profissionais como dos pesquisadores e professores universitários, a avaliação, o diagnóstico ou a medida tenham deixado de ser usados nas suas mais diferentes manifestações. Em muitos contextos de atuação profissional, o psicólogo toma decisões buscando-se em informações obtidas por procedimentos e instrumentos de avaliação psicológica. As diretrizes deontológicas definidas no código de ética profissional recomendam que tais decisões devam ser tomadas valendo-se de procedimentos fundamentados em estudos científicos que atestem sua validade. No entanto, sabe-se que em muitos casos há um descuido nesse sentido, tendo em vista a existência de instrumentos comercializados sem a qualidade técnica necessária. Além disso, constata-se falta de preparo nos profissionais que trabalham com avaliação e carência de desenvolvimento de tecnologia nacional condizente com as nossas peculiaridades e necessidades culturais.

Paradoxalmente, no Brasil, as dúvidas quanto à validade dos instrumentos não estimularam a busca de soluções, mas induziram a uma preferência pelo uso indiscriminado dos mesmos recursos disponíveis ou ao abuso de métodos pouco científicos. Até poucos anos atrás, havia uma atmosfera crítica sobre a possibilidade de se medir (medem-se?) as manifestações do psiquismo humano.

trabalho *Análise do comportamento e avaliação funcional* (capítulo 13) a avaliação funcional como o início de um processo que finaliza com a intervenção, apresentando, assim, a análise funcional como um processo de avaliação. Além disso, discute questões e tendências da avaliação funcional, enquanto aplicação e pesquisa. Com base em uma revisão extensa, Josiane de Freitas Tonelotto, no texto *A problemática da avaliação das dificuldades de atenção* (capítulo 14), discute as dificuldades de atenção, com especial ênfase para a avaliação da atenção, seus principais entraves, questões de contexto, faixa etária, profissionais envolvidos e benefícios de uma identificação correta e em tempo adequado.

Fernino Fernandes Sáto  
 Elizabeth Teresa Brunini Skordelini  
 Ricardo Promi  
 Organizadores

## Sumário

CAPÍTULO 1	A Questão do Diagnóstico em Psicoterapia Breve.....	13
	Rita A. Romano	
CAPÍTULO 2	Modelos Circumplexos da Personalidade – O MCMI-II como Instrumento para Avaliação Clínica.....	31
	Sebastião Urquijo	
CAPÍTULO 3	Transornos de Personalidade e Avaliação Psicodiagnóstica .....	51
	Sonia Regina Loureiro	
CAPÍTULO 4	Uma Breve Avaliação da Violência Sexual: A Vingança de Edipo .....	63
	Cláudio G. Capitão	
CAPÍTULO 5	Técnicas Projetivas: o Geral e o Singular em Avaliação Psicológica .....	77
	Anna Elisa de Vilhener Azevedo Gräntert	
CAPÍTULO 6	Avaliação Psicológica e Orientação Profissional: Contribuições do Teste de Fotos de Profissões – BFT .....	85
	Elizabeth Teresa Brunini Skordelini	

## Modelos Circumplexos da Personalidade

O MCMI-II como Instrumento para Avaliação Clínica

Sebastián Urquijo<sup>1</sup>

Geralmente o termo individualidade é utilizado para indicar o caráter separado e único de cada ser humano. No entanto, não é esse caráter de único e separado que interessa aos psicólogos, pois um ser humano, além disso, apresenta uma individualidade psicológica, uma organização surpreendentemente complexa que compreende seus hábitos instintivos de pensamento e expressão, suas atitudes, seus traços e interesses e sua própria filosofia particular de vida. É precisamente a individualidade psicofísica total, geralmente chamada personalidade, o que preocupa os psicólogos. O termo personalidade representa um perigo quando utilizado sem plena consciência dos seus muitos significados. Segundo Allport (1970), "personalidade" é uma das palavras mais abstratas da língua e, como toda palavra abstrata, que sofre um uso excessivo, possui uma extensão muito ampla e uma compreensão insignificante. Trata-se de um termo com história, pois, segundo Allport (1970), já se encontrava firmemente estabelecido na língua inglesa, no século XVII, significando "um conjunto de qualidades pessoais".

<sup>1</sup> Docente Doutor e Pesquisador na Faculdade de Psicologia da Universidad Nacional de Mar del Plata - Argentina.

Uma das definições mais antigas pode-se achar na clássica teoria de James (1890) dos quatro níveis do ego: um material, um social, um espiritual e um ego puro. Uma formulação simples, baseada na organização dos atributos pessoais, é a de Warren e Carmichael (1930) que diz que personalidade é "a organização total de um ser humano em qualquer estágio do seu desenvolvimento" (p. 338). A definição de Kempf (1921) sustenta que a personalidade integra sistemas de hábitos, indicativos dos ajustes ao meio de um indivíduo. Por seu lado, a proposta de Allport (1970) considera que "... a personalidade é a organização dinâmica, dentro do indivíduo, daspedes sistemas psicofísicos que determinam seus ajustes únicos ao seu ambiente" (p. 65), como uma formulação integradora, adaptativa e distintiva, que representa uma síntese do uso psicológico contemporâneo do termo. Afirma que é dinâmica enquanto algo em constante desenvolvimento e mudança e que se auto-regula; que o termo sistemas psicofísicos refere-se a hábitos, atitudes, sentimentos e disposições, que não são exclusivamente mentais nem exclusivamente nervosos; que únicos indica que toda pessoa, no tempo e no espaço, é única; e que ajustes ao ambiente significa evolutivo, adaptativo, que personalidade é uma forma de sobrevivência.

O problema principal para definir a personalidade, segundo Stagner e Solley (1980), não é o fato de não ter uma definição aceita por todos os cientistas, senão a passagem de uma definição popular a uma definição científica, mais rigorosa. Geralmente a psicologia "popular" utiliza o termo personalidade como forma de identificar o impacto de um indivíduo sobre outros; fala-se de personalidades "elétrizantes", "cruéis", "frías" ou "moles", mas esses termos não proporcionam um apropriado ponto de partida para a pesquisa psicológica, pois fazem referência direta às percepções, e diferentes pessoas podem perceber características diferentes em um mesmo estímulo.

Os psicólogos behavioristas propuseram uma solução para este problema: se uma pessoa causa algum tipo de impacto, uma certa impressão nos observadores, suas respostas manifestas devem ser a causa das suas ações. Por isso, definem a personalidade como um modelo de respostas que caracteriza

um indivíduo. Esta definição pode ser utilizada de forma científica enquanto permite obter um acordo entre observadores, mas, lamentavelmente, tem alguns problemas. Uma ação nem sempre tem o mesmo significado para sujeitos diferentes ou para a mesma pessoa em momentos distintos. Se a dificuldade surge do fato de que as respostas não têm o mesmo significado para cada pessoa, então não se pode dizer que estas respostas definam a personalidade.

Uma lógica conduz, sempre segundo a posição de Stagner e Solley (1980), a um terceiro tipo de definição da personalidade, caracterizada por um modelo interno de preceitos, motivos e emoções. A natureza desse modelo interno deriva-se dos processos homeostáticos, no sentido de que todos os homens apresentam uma equilíbrio constante dos estados de equilíbrio, desequilíbrio, movimentação de energia e restabelecimento do equilíbrio.

Marx e Hillix (1985) opinam que a teoria da personalidade é um tipo de teoria da conduta, embora algumas características permitam distingui-las como variedades especiais da teoria da conduta. Segundo eles, a maior parte das teorias da personalidade considera que as diferenças individuais entre as pessoas constituem uma significativa fonte de variação na conduta e, portanto, as inferências sobre as características singulares das pessoas resultam necessárias para realizar produções exatas sobre a conduta. A seu turno, Sechrest (1976) considera que a ênfase sobre as diferenças individuais é um erro, pois assinala que a maioria dos teóricos tem trabalhado a partir de teorias que postulam características universais dos indivíduos, tais como os estágios de Freud.

Há muitas opiniões a respeito dos temas ligados ao estudo da pessoa, e variam muito segundo onde se põe a ênfase. Em primeiro lugar, achamos um conjunto de opiniões referidas à quantidade de variância que se atribui às pessoas, em comparação com a quantidade que se atribui às situações. Por exemplo, alguns coincidem com a ideia de que a conduta pode ser predita através do conhecimento da situação, sem levar em conta a pessoa nessa situação (Brunswick, 1943; Barker, 1968). Já Rogers (1961) destaca a tendência da pessoa a desenvolver



capacidades "desde dentro" (auto-realização). É, provavelmente, o que melhor representa o extremo oposto, pois, assemelhando-se aos existencialistas, acredita que todos os indivíduos têm a irrevogável responsabilidade de realizar suas próprias escolhas, determinando o seu próprio destino. Por outro lado, os teóricos E-R destacam a influência da situação, ou estímulo, e se interessam menos pelas características únicas da pessoa individual. Esses teóricos apresentam uma tendência a negar a generalidade e a permanência de "traços" da personalidade, o que é coerente com sua interpretação do "organismo vivo". Nesse sentido, as teorias E-R são teorias da conduta gerais e não teorias da personalidade no sentido restringido.

A psicanálise iniciou o estudo dos determinantes inconscientes da conduta e ofereceu um modelo da estrutura da personalidade. Com ela, outras teorias da personalidade têm assinalado a necessidade de se estudarem com detalhes as variáveis dinâmicas (motivacionais) das diferenças individuais, a herança, os fatores biológicos, a psicologia infantil e evolutiva, a psicologia anormal e social, e todas as relações entre esses e outros campos que desempenham um papel importante em qualquer tentativa de formular uma teoria completa da personalidade.

A opinião do especialista Aiken (1995) é que a definição mais global da personalidade a vê como "... um composto organizado de qualidades ou características - a soma total das qualidades físicas, mentais, emocionais e sociais de uma pessoa" (pp. 3-4). Ele acredita que a personalidade refere-se a um único composto inato e apreendido de habilidades mentais, temperamentos, atitudes e outras diferenças individuais nos pensamentos, sentimentos e ações. Essa coleção de características cognitivas e afetivas encontra-se associada com um consistente e previsível padrão de comportamento.

A aceitação de uma definição desse tipo implica em que a avaliação da personalidade deve abranger um amplo conjunto de variáveis. Entre elas não se encontram só as características afetivas, como emoções, temperamento, caráter e traços de estilo, mas também as variáveis cognitivas como desempenho, inteligência, atitudes específicas e muitas

habilidades psicomotoras ou físicas. Avaliar essas variáveis significa estimar o nível de suas magnitudes através de observações, entrevistas, escalas de avaliação, *checklists*, inventários, técnicas projetivas e testes psicológicos.

### Avaliação da personalidade

Na opinião de Aiken (1995), o termo "avaliação da personalidade" refere-se aos procedimentos criados para se avaliar as formas características de pensar e atuar. Não se limita à classificação e medida de tipos, traços ou temperamentos, mas inclui medidas de interesse, atitudes, valores, estilos perceptuais e outros processos dinâmicos ou condutas que caracterizam o indivíduo.

Embora não existam registros escritos das primeiras observações da conduta, a história da avaliação da personalidade pode ser remontada a Gilgamesh (2000 a.C.) e à Bíblia, que contém citações que indicam a consciência das diferenças de personalidade. Os primeiros registros escritos são as idéias de Hipócrates (460-377 a.C.) que estabeleceram o primeiro sistema de classificação formal das doenças mentais (mania-super-estabilidade, melancolia-depressão e *freutis* ou febre cerebral).

A avaliação da personalidade é fortemente influenciada pela teoria adotada pelo pesquisador. Embora se possa adotar uma abordagem empírica ou não-teórica para avaliar a personalidade, a maioria dos psicólogos que não professam muito amor pelas teorias têm algumas suposições ou hipóteses sobre a natureza e os resultados de sua pesquisa. No outro extremo dos equívocos radicais, encontram-se os racionalistas, que tentam desenvolver complicados modelos dos motivos e ações dos seres humanos. Infelizmente, até as teorias mais completas frequentemente baseiam-se em relativamente poucas observações dos objetos que estudam. De fato, deve-se reconhecer que alguma referência ou algumas linhas conceituais podem ajudar na avaliação e explicação da personalidade, mas geralmente consistem em estereótipos.

Os psicólogos assumem que cada pessoa é diferente das outras e que a conduta humana é muito complexa e, às vezes, inconsistente. Consequentemente, o teórico da personalidade é usualmente cauteloso na aceitação da verdade e do poder explicativo das teorias do sentido comum. As complexidades da conduta humana e da vida mental têm levado os psicólogos a abandonar seus esforços na descoberta dos princípios gerais ou leis que permitam explicar as aparentes extravagâncias da natureza humana. Assim, abandonaram as abordagens *nomotéticas* (a procura de leis gerais do comportamento e da personalidade, inadequadas na tarefa de compreender as individualidades) e voltaram-se para as abordagens *ideográficas* (entendendo cada indivíduo como um sistema integrado merecedor de sua própria análise).

Brevemente, descreveremos três grupos de teorias que têm determinado as tarefas de avaliação da personalidade: do tipo, psicodinâmicas e do traço-fator.

Uma das tentativas sistemáticas mais antigas para explicar a personalidade é a noção de categorias fixas ou tipos de pessoas. Hoje em dia, essas teorias só têm interesse histórico. A noção de que a forma do corpo tem relação com a personalidade foi colocada cientificamente por Kretschmer (1925). O criminalista Lombroso acreditava que as características físicas dos criminosos eram diferentes do resto das pessoas, como num estágio primitivo do desenvolvimento biológico, interpretando que a presença de determinada configuração física demonstrava quais indivíduos tinham nascido para o crime. Mais recentemente, a proposta de Sheldon e Stevens (Sheldon, Stevens & Tucker, 1940; Sheldon & Stevens, 1952) estabeleceu um sistema para classificar os físicos humanos em três componentes segundo o grau de *endomorfia* (obeso), *mesomorfia* (musculoso) ou *ectomorfia* (magro). Um excesso em qualquer um dos três somatotipos no sistema era relacionado com o tipo de temperamento, classificados como *viscerotonia* (pessoas sociáveis que gostam da comida e o conforto), *somatotonia* (pessoas dominantes, duras, que gostam do exercício e aventuras físicas) ou

*cerebrotonia* (pessoas retraídas, introvertidas, que têm dificuldades para dormir e são muito sensíveis à dor).

Para a teoria psicanalítica, a personalidade total, concebida por Freud, é integrada por três sistemas principais: *id*, *ego* e *superego*. Na pessoa mentalmente sã, esses três elementos formam uma organização unificada e harmônica. Ao funcionarem juntos e em cooperação, permitem ao sujeito se relacionar de maneira eficiente e satisfatória com seu ambiente. A finalidade dessas relações é a realização das necessidades e desejos básicos do homem. Entretanto, quando os três sistemas estão em desacordo, aparecem as patologias e se diz que a pessoa está desadaptada, encontra-se insatisfeita consigo mesma e com o mundo, e sua eficácia se reduz. Para essa teoria, a personalidade estável é aquela em que a energia psíquica achou maneiras mais ou menos permanentes de ser consumida na realização de atividades psicológicas. A natureza dessas atividades é determinada pelas características estruturais e dinâmicas do *id*, do *ego* e do *superego*, pelas interações entre os três e pela sua história evolutiva.

Freud baseou sua teoria da personalidade em observações clínicas não controladas de aproximadamente cem pacientes e, segundo Aiken (1995), as pesquisas posteriores não conseguiram confirmar algumas partes centrais de sua teoria. Outros teóricos como Jung, Adler, Horney, Fromm ou Erikson complementaram e expandiram suas idéias.

Na atualidade, e comparados com Freud, os psicanalistas colocam maior ênfase na aprendizagem social e na cultura que nos instintos biológicos como determinantes da personalidade e da conduta. Os instrumentos de avaliação da personalidade, com base nessas teorias, caracterizam-se pela interpretação dos dados coletados através de técnicas projetivas. São técnicas relativamente não estruturadas, nas quais os examinados têm que responder a materiais como manchas, desenhos ambíguos ou frases incompletas, relatando como as percebem, contando histórias ou construindo e ordenando palavras ou objetos. Teoricamente, a estrutura que o examinado impõe representa uma projeção de sua própria personalidade (necessidades, conflitos, fatores de ansiedade, tensões, etc.).



Finalmente, a terceira das teorias em questão afirma que um traço de personalidade é a disposição a responder de determinada maneira frente a pessoas, objetos ou situações, o que é comumente definido como um *tipo*. Um dos mais importantes teóricos do traço foi Allport (1961), que define o traço como uma estrutura neurofísica com capacidade para interpretar muitos estímulos funcionalmente equivalentes e iniciar e guiar formas equivalentes de condutas adaptativas e expressivas. Allport concebeu a personalidade humana como uma organização dinâmica dos traços que determinam o ajuste de uma pessoa a seu meio. Outro teórico do traço, Cattell, adotou uma posição holística, na qual a personalidade é integrada por variáveis afetivas e cognitivas. Cattell achava que existem traços comuns que caracterizam todas as pessoas e traços únicos que caracterizam os indivíduos. Os teóricos do traço como Allport, Cattell, Eysenck e Guilford aplicaram análises fatoriais na procura de fontes subjacentes de consistência no comportamento.

O estudo da estrutura da personalidade, como compreendida atualmente, começou com os esforços de Cattell, Eysenck e Guilford desde 1940. Os procedimentos de análise fatorial levaram à conclusão de que são necessárias entre quatro e dezesseis dimensões básicas para descrever a estrutura da personalidade. Nos últimos anos, tem-se adotado a idéia de que todos os traços podem ser descritos por uma ou outra das cinco dimensões da personalidade — o modelo dos cinco fatores (*Five Factor Model*). Os cinco fatores básicos têm sido chamados extroversão (*extroversion*), agradabilidade (*agreeableness*), escrupulosidade (*conscientiousness*), estabilidade emocional (*emotional stability*) e abertura à experiência (*openness to experience*). Alguns pesquisadores preferem utilizar os termos cultura ou intelecto para *openness*, neuroticidade para *emotional stability*, e controle comportamental para *conscientiousness*.

Durante as últimas décadas, duas abordagens têm sido utilizadas nos esforços para definir a estrutura dos traços de personalidade e das emoções. Uma delas baseia-se na utilização das técnicas de análise fatorial com o objetivo de identificar

um relativamente pequeno número de dimensões básicas. A outra centra-se na determinação da estrutura de todos os traços e emoções, tendo como idéia subjacente uma relativa ordenação (circuli) ou circunplexa, com uma descrição parcimoniosa das relações entre traços e emoções.

### Os modelos circunplexos da personalidade

O modelo circunplexo é uma forma de descrever analogicamente as relações entre elementos ou variáveis que se caracterizam por similaridade e dimensões polares, com conflito entre elementos opostos. O modelo pode ser aplicado a uma grande variedade de domínios interpersonais, incluindo emoções, traços de personalidade, desordens da personalidade, defesas do ego, síndromes clínicas, psicoterapia e expressões faciais.

Se for possível considerar que os elementos variam em grau de similaridade de um a outro (como as emoções, os traços de personalidade e os diagnósticos) e apresentam polaridades (por exemplo, alegria versus tristeza, dominância versus submissão), então é possível usar um círculo para representar essas relações. Fundamentalmente, um conjunto de correlações entre os elementos pode mostrar incrementos ou decréscimos no grau de correlação entre eles, dependendo de sua proximidade conceitual e seu grau de polaridade. As oposições polares são representadas por correlações de  $-1,0$ ; os elementos independentes ou não correlacionados são representados por uma correlação de  $0,0$ ; e os elementos similares são representados por correlações positivas. Existem numerosos métodos que podem ser utilizados para determinar a localização certa dos elementos do circunplexo. Dois variáveis não correlacionadas podem ser usadas como eixo, e a posição relativa das outras variáveis pode ser estimada em função delas. A análise fatorial pode ser usada para determinar os dois eixos independentes principais, e a carga das outras variáveis pode ser colocada nesses eixos. Também é possível usar uma escala de similaridade para estimar a localização dos elementos do circunplexo. Deve-se considerar que a idéia do



circumplexo não implica em que os elementos do círculo estejam colocados em espaços equidistantes, nem específicas que um conjunto particular de eixos seja fundamental ou básico.

Quando aplicado à personalidade, o circumplexo descreve primariamente os aspectos interpersonais da personalidade e não tudo o que os pesquisadores chamaram de personalidade. Provavelmente, o modelo circumplexo não possa ser bem aplicado a todas as características físicas da pessoa, a termos pejorativos, a habilidades intelectuais, a atitudes ou a estilos cognitivos, elementos considerados, algumas vezes, como aspectos da personalidade.

Na opinião de Widiger e Hagemoser (1995), nenhum modelo da personalidade pode evitar a inclusão das relações interpersonais. Na definição do DSM (APA, 1994), constitui-se uma desordem da personalidade quando os traços da personalidade são inflexíveis e mal-adaptados e produzem incapacidade funcional significativa ou stress objetivo. Por isso, espera-se que as desordens da personalidade representem variações desadaptadas das relações interpersonais. As desordens da personalidade arroladas nas seções do DSM incluem ansiedade, humor, sexo, sono e outros padrões comportamentais que representam desordens interpersonais. Na opinião de alguns autores (entre eles Klein et alii, 1993; Widiger & Hagemoser, 1995), a prova mais destacada para avaliar os transtornos da personalidade do DSM-III, DSM-III-R ou DSM-IV é o Inventário Multiaxial de Millon, que tem sua base teórica em um modelo circumplexo da personalidade.

### O Inventário Clínico Multiaxial de Millon-II (MCMII-II)

O Inventário Clínico Multiaxial de Millon-II é uma técnica de avaliação em psicologia clínica e psicopatologia, construída com base em uma formulação moderna da teoria dos padrões de personalidade e na ideia de um contínuo normal-anormal. Nesse

modelo, propõe-se uma aproximação funcional e interpessoal que dá conta dos vínculos conceituais entre as características clínicas observadas nos indivíduos identificados como protótipos de um determinado padrão e os fatores etiológicos e etapas do desenvolvimento de cada um desses protótipos. Também introduz as estratégias de enfrentamento (*coping*), que podem ser estudadas em estilos de comportamento interpessoal, a dinâmica intrapsíquica (mecanismos de defesa e processos inconscientes, que podem ser inferidos em um exame retrospectivo e prospectivo da trajetória pessoal) e, finalmente, a possibilidade de observar ou modular as estratégias intra e interpersonais com tenacidade a perpetuar os padrões de personalidade.

A teoria que orienta o MCMII-II (Millon, 1969, 1981 e Millon & Kleinman, 1986) tem base nas derivações de uma combinação circumplexa e simples de variáveis. Essencialmente, coloca dez estilos básicos de funcionamento da personalidade que podem ser formados logicamente de uma matriz 5 x 2.

A primeira dimensão constitui a fonte primária da qual os pacientes obtêm comodidade e satisfação (reforços positivos) ou tentam evitar angústia emocional e dor (reforços negativos). Aqueles que experimentam poucas gratificações na vida são considerados retraídos; os que utilizam as circunstâncias para conseguir reforço positivo, porém reforço negativo ou para substituir dor por prazer são denominados personalidades discordantes; aqueles que medem suas satisfações ou desconfortos pela reação dos outros são descritos como dependentes; o estilo independente se dá quando a gratificação é medida principalmente por desejos e valores próprios; finalmente, os que experimentam consideráveis condições que se guiam pelo que os outros dizem ou desejam são considerados personalidades ambivalentes.

A segunda dimensão da matriz teórica refere-se ao modelo básico de conduta instrumental ou de enfrentamento (*coping*) que o paciente aplica para aumentar ao máximo as gratificações e para minimizar a dor. Os pacientes que parecem atentos, participativos e manipuladores dos sucessos da vida para alcançar

gratificação e evitar o desconforto são denominados de padrão *ativo*; em contraste, aqueles que parecem apáticos, reservados, resignados ou satisfeitos, que permitem que os sucessos tomem seu próprio curso sem controle ou sem intervir neles, são chamados de padrão *passivo*.

Na combinação das cinco fontes de reforço primário com os dois padrões instrumentais ou de enfrentamento, obtêm-se dez estilos básicos de personalidade: ativo e passivo retráido; ativo e passivo discordante; ativo e passivo dependente; ativo e passivo independente; e ativo e passivo ambivalente. Os estilos refletem características permanentes e onipresentes do funcionamento da personalidade, as quais tendem a se perpetuar e agravar as dificuldades cotidianas. Os pacientes que automatizaram esse modo de vida, com frequência, são inconscientes das consequências destrutivas de sua natureza e sua personalidade.

A tabela 1, extraída do Manual do MCMI-II (Millon, 1999) proporciona uma visão global da estrutura lógica dos padrões de personalidade.

Deve-se destacar que cada personalidade definida na tabela 1 tem correspondência com as escalas básicas dos transtornos de personalidade do MCMI-II. Uma descrição completa dos padrões de personalidade dessa tabela (esquizóide, fóbica, dependente, histriônica, narcisista, anti-social, agressivo-sádica, compulsiva, passivo-agressiva e autodestrutiva/masquista) encontra-se no Manual do MCMI-II (Millon, 1999, pp. 26-33).

Na teoria são formuladas três outras propostas de personalidades patológicas para representar problemas estruturais graves e processos disfuncionais: *esquizotímica*, quando há um padrão de distanciamento disfuncional cognitivo e interpessoal; *borderline*, quando há falta de regulação dos afetos, envergada na instabilidade do seu estado de ânimo; e *paranoide*, se há desconfiança vigilante das demais pessoas e defesa nervosamente antecipada contra decepção e críticas, diferenciando-se das anteriores, sobretudo, pelo déficit na capacidade social e frequentes episódios psicóticos, vulnerabilidade às tensões diárias, menor integração da personalidade e menor efetividade no enfrentamento.

Em contraste com os transtornos de personalidade (Eixo II), as síndromes clínicas do Eixo I são consideradas uma extensão ou distorção dos padrões básicos de personalidade. Essas síndromes são estados relativamente breves ou transitórios, aumentando ou diminuindo no tempo, em função do impacto das situações estressantes. Trata-se de acentuações do estilo básico de personalidade que adquirem significado e importância só na personalidade do paciente. Apesar de os transtornos aparecerem com maior frequência associados a estilos particulares de personalidade, cada estado sintomático pode ocorrer com distintos padrões. Por exemplo, a depressão neurótica ou distímia (Escala D) verifica-se com maior frequência em personalidades evitativas, dependentes e autodestrutivas; a dependência do álcool (Escala B) se acha comumente entre padrões histriônicos e anti-sociais.

Por ser possível achar diferentes covariações entre as síndromes do Eixo I e os estilos de personalidade do Eixo II, foi

Tabela 1  
Estrutura da personalidade patológica

Âmbito da patologia	Dar - Fazer		Self - Outros			
	D ++ P	D+ / -P-	SM- D+	SM+ D-	SM ++ D-	SM ++ D
Fonte do reforço	Discordante	Retraído	Dependente	Independente	Ambivalente	
Padrão Estilo	Fracassado (Masquista)	Esquizóide	Dependente	Dependente	Compulsiva	
Passiva	Agressiva (Sádica)	Evasiva	Histriônica	Narcisista	Compulsiva	
Ativa	Limito ou Paranoide	Esquizotímica	Limito	Paranoide	Limito ou Paranoide	
Disfuncional						